

CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



AS PERCEPÇÕES, EM MOÇAMBIQUE, SOBRE O TRÁFICO DE ALBINOS E CALVOS NAS VERTENTES CULTURAL, ECONÔMICA E MÁGICO-RELIGIOSA

The perceptions in Mozambique about the trafficking of albinos and bald people in the cultural, economic and magical-religious aspects

Rui Muleica Migano ^[a] 

Cidade, UF, Moçambique

Universidade Católica de Moçambique (UCM), Faculdade, Departamento – E-mail: ruimuleica01@gmail.com

Como citar: MIGANO, R. As percepções, em Moçambique, sobre o tráfico de albinos e calvos nas vertentes cultural, econômica e mágico-religiosa. *Caderno Teológico*, Curitiba: Editora PUCPRESS.

Resumo

Em Moçambique, o fenômeno do tráfico humano de albinos e calvos e consequente extração e uso de órgãos para fins obscuros tem levado a que diferentes grupos sociais façam interpretações de índole cultural, econômico e na crença de poderes ocultos que escapam à compreensão humana. Os que leem o fenômeno do ponto de vista cultural, entendem que essas práticas, de modo particular, de tráfico de albinos e sua retirada do convívio social tem sua práxis desde os tempos idos, em que o albino pela singularidade que possui foi tido por diferente e possessor de seres espirituais propiciadores de maldição para o seio da família. O entendimento hodierno, considera que, embora o albino tenha suas singularidades é, ao mesmo tempo, apetecível para a riqueza. Quanto ao homem calvo, a cultura africana em geral e moçambicana em particular, considera-o como uma pessoa sábia, dotada de valores éticos e humanos, a quem se deve recorrer para resolver os problemas na família. Nos tempos que correm, as qualidades que o calvo possui não são relevantes pois o que se procura nele não é o conhecimento mas o “mercúrio” que está na calvície. No que se refere à vertente econômica, tanto o albino como o calvo são hodiernamente considerados mercadoria (produto para comercializar), considerando-se que os seus órgãos sejam calculáveis a preços monetários. Na vertente mágico-religiosa, há crenças que atribuem aos albinos e calvos poderes mágicos e é observando os seus ditames que a pessoa melhora a sua vida e luta contra as forças contrárias que trazem azar, doenças e outros infortúnios. Deste modo, o artigo tem como objectivo: fornecer aos leitores o entendimento dos diferentes seguimentos sociais quanto ao fenômeno do tráfico de

albinos e calvos em Moçambique, realçar a sua insustentabilidade e o abuso aos direitos humanos das pessoas afetadas. A metodologia é bibliográfica, com enfoque qualitativo.

Palavras-chave: Tráfico. Albinos. Calvos. Cultura. Economia. Crença.

Abstract

In Mozambique, the phenomenon of human trafficking of albinos and bald people and the consequent extraction and use of organs for obscure purposes has led different social groups to make interpretations of a cultural, economic nature and the belief in occult powers that escape human understanding. Those who read the phenomenon from a cultural point of view, understand that these practices, in particular, the trafficking of albinos and their withdrawal from social life, have been praxis since ancient times, when albinos, due to their uniqueness, were considered different and possessed of spiritual beings propitiating curse for the bosom of the family. The current understanding considers that, although the albino has its singularities, it is, at the same time, desirable for wealth. As for the bald people, African culture in general and Mozambican culture in particular consider them to be wise people, endowed with ethical and human values, to whom one should turn to solve family problems. Nowadays, the qualities that the bald people have are not relevant because what is sought in them is not knowledge but the “mercury” that is in baldness. With regard to the economic aspect, both the albino and the bald people are nowadays considered merchandise (suitable product to be sold), considering that their organs can be calculated at monetary prices. On the magical-religious side, there are beliefs that attribute magical powers to albinos and bald people and it is by observing their dictates that people improve their lives and fight against opposing forces that bring bad luck, illnesses and other misfortunes. Thus, the article aims to: provide readers with an understanding of the different social segments regarding the phenomenon of trafficking in albinos and bald people in Mozambique, highlighting its unsustainability and the abuse of the human rights of the affected people. The methodology is bibliographical, with a qualitative approach.

Keywords: Trafficking. Albinos. Baldness. Culture. Economy. Belief.

Introdução

O artigo pretende trazer as percepções sobre a pessoa do albino e do calvo e apresentar as motivações para o seu tráfico, constituindo deste modo, uma novidade e uma contribuição no campo da pesquisa, se tivermos em conta que muitos estudos até agora apresentados, apenas se focalizaram na defesa dos direitos humanos das pessoas afetadas, esquecendo-se das razões culturais, econômicas e crenças como motivadoras para tais práticas.

A cultura moçambicana em particular e africana em geral, tem certos modos de tratar as pessoas com base no seu aspecto físico ou na posição que o indivíduo ocupa na sociedade, fazendo com que, alguns se descubram e se posicionem como superiores e/ou inferiores, em relação aos outros e de acordo com as circunstâncias. Neste contexto, os predadores dos albinos e calvos e seus mandantes, consideram-se superiores e merecedores de vida e bem-estar em relação às suas presas.

Hoje, tanto os albinos quanto os seus familiares têm que se defender não apenas do sol, mas de seres humanos que veem nas singularidades dos albinos, oportunidades para o enriquecimento. Daí a necessidade de lutar pela defesa dos direitos dos albinos em todos os quadrantes do globo. No âmbito da cultura, a maneira de conceber determinadas realidades, pode induzir aos membros à prática de atos considerados repugnantes e insustentáveis. A ideia de que as singularidades existentes em albinos e em calvos são oportunidades para o enriquecimento, tem sido propulsora para a ocorrência do fenômeno do rapto, tráfico e extração de seus órgãos.

1. A realidade de Moçambique

Moçambique é um país caracterizado por diversidades de acontecimentos desde guerras armadas, guerras ideológicas, fenômenos naturais como ciclones e inundações, raptos, sequestros de opositores, corrupção, baixo acesso à informação e formação da cidadania em matéria de ética, de direito e dos bons costumes, o que empurra muitos à procura de riqueza e de ganhos sem se importar no modo honesto de aquisição da riqueza.

Visto que Moçambique faz fronteira com muitos países, as pesquisas que tivemos acesso dizem que, muitos jovens e adolescentes são encontrados nos postos fronteiriços, sem documentação, a tentarem atravessar ilegalmente a fronteira, para entrarem em países vizinhos, assim como para circularem dentro do país, nas viagens interprovinciais. Seja como for, os casos comumente conhecidos estão ligados à imigração e emigração ilegal.

Na região sul de Moçambique, muitos jovens cresceram num ambiente em que seus pais ganhavam a vida na África do Sul e, de modo geral, entram naquele país ilegalmente, numa expressão local designada por kufohle, constituindo uma prova inequívoca de afirmação de masculinidade entre os jovens. Num passado recente, a viagem para a África do Sul, pela parte das mulheres, tem estado associada ao fenômeno localmente conhecido como mukhero que também constitui busca por melhores condições de vida.

2. A percepção cultural e as causas do tráfico de albinos e calvos

No que se refere à personalidade do albino na cultura, a ideia que ressalta é a de que o albino é um ser estranho e vetor de maldição para a família. Ter um filho albino é sinal de mau agouro (mau sinal) para o casal e/ou a família em geral. No passado, bebês albinos não eram deixados viver, pelo que eram dados por desaparecidos ou “regressados” e as mães deviam passar por um rito de purificação para poderem regressar à casa e evitar um futuro infortúnio. Igualmente, proibia-se que as mães gestantes partilhassem abraços, copos ou cruzassem os olhares com albinos sob pena de nascer bebê albino.

A prática de eliminar os bebês albinos após seu nascimento criou a ideia de que o albino não morre só desaparece, fato que algumas pessoas hoje ficam contrariadas quando recebem a notícia da morte de um albino e subsequente funeral e enterro. No passado, a família que não tivesse a coragem de eliminar um bebê albino procurava uma oportunidade para o “apartar” da família para não ser motivo de maldição, considerando-o por desaparecido.

Hoje, o olhar e a concepção cultural sobre a pessoa albina, mudou. Passou de um ser que trazia azar e todo o mal, fruto de alguma maldição, para um ser mais procurado e apetecível, sob o pretexto de que é constituído de substâncias que purificam e dão sorte para o enriquecimento, assim como para o prestígio social e ocupação de lugares cimeiros na sociedade. Outra ideia que se associa à “nova imagem” que se atribui ao albino é a de que, manter relações sexuais com mulheres albinas pode curar a sida.

Quanto ao homem calvo, este tem uma sorte diferente à do albino, pois não existem evidências passadas em que, culturalmente, se viu um homem careca como um problema ou como uma ameaça à vida familiar e social, mas sim, como um homem sábio, com olhar penetrante, capaz de governar com sabedoria. O homem calvo, era a pessoa a quem se devia recorrer para dirimir os conflitos familiares ou para assumir as responsabilidades de régulo. Não se devia desmentir a ideia ou a opinião de um homem careca. Daí o respeito e a consideração para com os homens calvos.

Culturalmente, entendia-se que a sabedoria era conquistada ao longo do crescimento do homem e era nesse momento que ia perdendo os cabelos da cabeça como fruto de reflexão e procura de solução para responder às preocupações dos seus membros. Por exemplo, na Igreja medieval, os religiosos faziam a tonsura na cabeça (espécie de uma careca) para manifestar a sabedoria, dom do Espírito Santo que ilumina a mente humana para aplicar a justiça e o direito, a exemplo do Rei Salomão.

Atualmente, apesar de se manter a ideia de o homem calvo ser útil para a sociedade, mas a de ser rico de sabedoria, perdeu-se tal perspectiva. Hoje, o homem calvo é importante porque é considerado possuidor de uma substância que os traficantes chamam de mercúrio, substância que comercializada dá rendimento econômico.

Meneses (2008, p.169) citado por Mariano (2016, p.32), aponta os líderes políticos de serem amplamente referenciados por recorrerem à feitiçaria ou práticas supersticiosas para assegurarem poder e sucesso. A inquietação que se coloca é: se para se assegurar o poder e o sucesso precisa-se de práticas supersticiosas que usem albinos e calvos como amuletos para tais pretensões, então tal político encontrar-se-á desprovido dos princípios básicos da Moral e do Direito. E, o perigo está no fato de que, sempre que sentir o seu poder ameaçado, terá que sacrificar mais albinos e calvos, o que socialmente o torna homem perigoso e delinquente.

Fellows (2011), co-autor do estudo feito pela Liga Moçambicana dos Direitos Humanos, sobre o tráfico de partes do corpo em Moçambique e na África do Sul, considera que, na base deste fenômeno de tráfico humano está uma forte crença em que partes do corpo humano magicamente tratados podem resolver problemas sociais e tornar os medicamentos tradicionais mais fortes e eficazes.

No pensamento de Mariano (2016, p.29), a nível internacional, “o tráfico de órgãos é hoje uma realidade em quase todo o mundo, tendo aumentado o número de indivíduos envolvidos no negócio ilícito de tráfico de órgãos humanos para fins de transplante”. Como se pode perceber, a razão comumente conhecida em todo o globo é a de que os órgãos humanos traficados, têm por finalidade, sua aplicação no campo cirúrgico com intenção de salvar uma vida que esteja em risco mas não para eliminar fisicamente o “doador”, embora isso possa acontecer no silêncio.

É por essa razão que, a antropóloga Nancy Scheper-Huges (2004) se empenhou no estudo sobre o tráfico ilícito de órgãos humanos, circuitos que envolvem compradores, vendedores, mediadores e cirurgiões de diferentes partes do mundo. Para ela, a Índia é a nível mundial, o local privilegiado para a troca doméstica e internacional de rins comprados a doadores vivos. Alguns residentes das favelas do Recife, no Brasil, são levados à África do Sul, onde são submetidos a cirurgias para remover rins ou outros órgãos para serem transplantados em pacientes vindos de Israel.

Aqui se percebe que, é por razões de interação social entre os povos que, vários hábitos, usos e costumes sociais, se transmitem de forma despercebida. Pior, quando se passa para uma sociedade consumista e utilitarista como se caracteriza a sociedade actual, onde a conduta a partir de princípios éticos e morais é suplantada pela conduta do lucro, ganho fácil e prestígio social, mesmo que isso custe a própria vida ou a vida de outrem.

3. Motivações econômicas do tráfico de albinos e calvos

Os fatores econômicos têm sido apontados com mais frequência, como os motivadores para o tráfico de pessoas e, em quase maior parte das pesquisas com que se teve acesso, defenderam a tese de que, o tráfico de seres humanos tem por motivação, o lucro. Na verdade, pode-se perceber que, todas as práticas supersticiosas que o homem leva a cabo, pretende assegurar não só a própria vida, mas especialmente para organizar a sua vida econômica, de modo a tomar uma posição econômica privilegiada na sociedade, visto que a pobreza e a exclusão social são correlativos. Para o Banco Mundial (1995), a pobreza é uma condição caracterizada por uma severa privação das necessidades humanas básicas, incluindo alimentação, água potável, saneamento, saúde, habitação, educação e informação. Ela depende não somente da renda, mas também do acesso aos serviços. E, muitos moçambicanos colocam-se na linha da frente do fenómeno do tráfico, porque se revêm no conteúdo da definição avançada pelo Banco Mundial, pois a vida tem sido bastante dura e penosa e recorrem à essas práticas repugnantes, para verem se têm o básico para viver.

Outro fator que se chama à colação é a questão da desigualdade entre o campo e a cidade, também entre a zona Centro/Norte com a zona Sul de Moçambique, situação que impulsiona o êxodo rural e inter-provincial, com as populações do campo e das províncias fora de Maputo a pretenderem buscar melhores condições de vida nas zonas urbanas, principalmente na cidade capital de Maputo, onde se presume haver todo o tipo de condições para melhoria da própria vida. Chegados a esses lugares considerados “El Dourado” e não encontrando oportunidades para singrar na vida, muitos moçambicanos colocam-se em situação de vulnerabilidade de serem postos a cometer crimes em prol dos mandantes que muitas vezes não chegam a ser conhecidos.

As motivações econômicas tornam o homem incapaz de pensar o bem para o outro, apenas considera-o objeto de relações comerciais com o intuito de obter o lucro. É nesta senda que, desde o início dos anos 90, houve rumores de assassinatos de crianças e tráfico de suas cabeças do Zimbábue para a África do Sul, que alarmaram a população da região Austral. Este ato de sacrifício de crianças servia como explicação para enriquecimento repentino das pessoas (WHITE, 1997).

Como se pode depreender, o fenómeno do tráfico de órgãos e partes do corpo não é práxis apenas de Moçambique e países vizinhos da região Austral, decorre, igualmente, noutros países africanos como Burundi, África Equatorial, Tanzânia, etc. Há pouco tempo, o recrudescimento da perseguição aos albinos na Tanzânia e noutros países vizinhos, tomaram proporções alarmantes, pois partes do corpo de albinos são traficadas com o propósito de possuir substâncias que podem fazer enriquecer e atrair sorte. O conteúdo do Jornal Notícias, do dia 16 de setembro de 2015, que citava os dados das Nações Unidas, refere que, desde o ano de 2000, já tinham sido assassinados aproximadamente 76 albinos na Tanzânia, e que no mesmo ano, os casos de assassinato de albinos em Moçambique estavam a ganhar contornos bastante preocupantes, principalmente, nas províncias de Nampula e Zambézia. Deste modo, o mercado de órgãos e partes do corpo humano passou a constituir uma forma de mercantilização ou de relações de compra e venda da vida humana, associada à proliferação do que Comaroff e Comaroff (1999, pp. 281-283) chamou por “economias ocultas”.

Como diz Comaroff e Comaroff (1999, p.284), as razões que contribuem para o fenómeno do tráfico e morte de albinos e calvos não são apenas a pobreza ou privação material dos recursos de que o País dispõe, mas como resultado da interligação do seguinte: a percepção de que, grandes riquezas são possuídas apenas por um pequeno grupo de pessoas (riquezas inimagináveis e reunidas de modo muito

rápido e menos criterioso), frequentemente associada à utilização de mecanismos misteriosos e/ou mágicos; e um sentido de desespero perante a exclusão econômica.

Esta posição é sustentada pelas informações colhidas pelo pesquisador que advogam que o tráfico e morte de albinos e calvos, para além de ser ligado à feitiçaria, deve ser lido e compreendido pelas motivações socioeconômicas assimétricas como as “pressões da monetarização econômica” e a “desarticulação social das comunidades”, que caracteriza a realidade de Moçambique. Importa sublinhar que as muitas e frequentes acusações de feitiçaria ocorrem em tempos de crise econômica, de degradação social e escassez de oportunidades para ascensão social e econômica. Ligado à tal premissa, pode-se aferir que, a problemática do tráfico de albinos e calvos em Moçambique acelerou aquando do descobrimento das dívidas ocultas e consequente subida do custo de vida, o que acarretou a um modo de sobrevivência e do fenómeno do “salva-se quem poder”. Com esta situação, acentuou-se não só o tráfico e venda de albinos, calvos e exumação de ossadas humanas, mas também a corrupção acelerou de forma galopante em todos os sectores da sociedade.

Associado à situação da carestia da vida que impele a situações de pobreza, merece destacar o caso da exclusão social e econômica, desigualdades sociais e de oportunidades. Quer isso dizer que, é notório em Moçambique, a obtenção e a permanência das oportunidades de riqueza nas mãos de uma minoria, em detrimento da maioria excluída e empurrada cada vez mais à pobreza extrema e da incapacidade econômica e monetária. Trata-se de um cenário que mexe, igualmente, com a dimensão político-partidária, onde alguns são os que detêm e estão em frente da economia e as oportunidades de enriquecimento e a maioria é excluída das oportunidades e só é lembrado e considerado útil em tempos de campanha eleitoral. Hoje, nenhum político, nenhum partido reconhece que a maioria da população está a passar fome e pobreza, mas em tempos de campanha eleitoral, todos partidos, inclusive os que se extinguem em período pós-eleitoral, dirão estar ao lado Povo nas suas dificuldades.

Ao se pretender generalizar que o problema do tráfico humano devesse à carestia de vida e à exclusão social, seria injusto para com os homens e mulheres que trabalham para ganhar o pão diário com honestidade. Num contexto em que, maior parte dos membros dos partidos que usam o maquiavelismo e o « changuinismo »¹ para obter poder e riqueza, está misturado com a maioria da população com outras designações políticas e/ou partidárias, vivendo na penúria, sem oportunidades muito menos esperança de se enriquecer como faz a minoria detentora do poderio econômico e de oportunidades, surgem, por sua vez, grupos que ficam expostos a outras crises políticas e humanitárias e, pondo de lado os ditames da consciência, os empurram ao êxodo rural e às chamadas “economias ocultas”.

Entretanto, as motivações para a prática do tráfico de seres humanos não devem se cingir nos motivos da carestia da vida; importa realçar que, atualmente, o fenómeno do tráfico humano tem um impacto econômico rentável comparável ao tráfico de armas e droga, conhecidos como grandes negócios que movimentam muito dinheiro em todo o mundo. Segundo dados da ONU, o tráfico de seres humanos em geral, arrecada cerca de 24 milhões de euros, correspondentes a 1.689 biliões de meticais e o número de vítimas sobe para mais de 24 milhões de pessoas por ano.

No que se refere aos atores do tráfico humano para questões econômicas e outras finalidades, encontram-se os curandeiros (os designados por médicos tradicionais) os incitadores para a comercialização de partes do corpo e órgãos humanos em geral, de albinos e calvos em particular e gastam aproximadamente cerca de 2,5 milhões de meticais pelo pagamento. Eles chegam a gastar cerca de 75 mil dólares americanos por órgão de uma pessoa albina (MOÇAMBIQUE, MÉDIA ONLINE, 2016).

¹Termo emprestado do filósofo Severino Ngoenha aquando da entrevista no canal televisivo STV em 2020 quando se referia do problema das dívidas ocultas em Moçambique cujo rosto conhecido era o antigo Ministro da Economia e Finanças, Manuel Chang, detido na África do Sul em Dezembro de 2019.

Na senda dos traficantes e comerciantes de órgãos de albinos e calvos não estão apenas atores estranhos, encontram-se também pais, encarregados de educação e outros parentes afins de crianças albinas, que, conformados com a exclusão econômica e com a ideia de que com albino se logra lucros fabulosos, são aliciados a entregar seus filhos e parentes em troca de valores monetários.

A título de exemplo, para além de casos passados que envolveram pais e outros parentes na venda dos seus filhos, existem casos recentes em que, no dia 16 de março de 2020, o Jornal Notícias se referiu de uma mulher de 31 anos, foi detida quando aguardava por um “comprador”, com quem tinha negociado a venda do seu primogênito, de 13 anos, por dois milhões de meticais a um empresário zimbabweano. O outro caso similar ocorreu em 2017, na Província de Tete, em que um casal foi detido quando pretendia vender seu filho albino de dois anos por quatro milhões de meticais². No dia 18 de julho de 2017 foi reportada a notícia de que um pai de 36 anos de idade raptou o seu próprio filho albino para alimentar um negócio de tráfico de órgãos no distrito de Milange, Província da Zambézia³. Esses três exemplos constituem uma amostra de muitos casos recentes e anteriores que ocorreram/ocorrem em Moçambique, em que pessoas mais próximas, como pais, tios, amigos, negociam e vendem seus parentes albinos, tornando-os objetos passíveis a preços e conseqüente enriquecimento.

Na zona Centro e Norte de Moçambique, a ideia de que a ossada de albinos e calvos traz riqueza tem sido a causa da perseguição, morte, extração e tráfico de seus órgãos, resultando na profanação de campas, exumação de corpos e/ou ossadas de pessoas. Com essa situação, os albinos e os homens com carecas sentem-se inseguros e excluídos da sociedade porque sabem que muitos dos seus predadores os consideram de “bolada”⁴.

Mariano (2016, p.11) aponta as desigualdades, as diferenças entre a extrema riqueza e a pobreza absoluta, como fatores propulsores do tráfico de órgãos. Para ele, predomina o recurso à magia e a utilização de órgãos humanos como meio de obter e/ou incrementar benefícios materiais. A feitiçaria e/ou a superstição, parece constituir uma força equilibradora das tensões sociais, derivantes das disparidades entre ricos e pobres, o que chama atenção para um problema social e econômico mais profundo.

Para este tipo de negócio desumano e atentatório ao valor da vida e que preocupa a sociedade contemporânea, Bernault (2006, s.p) considera que “a equação entre corpo humano, dinheiro e poder, remonta há séculos passados” e pode ter a sua aceleração nos tempos que correm. E, a vulnerabilidade ao tráfico por parte das pessoas, fundamentalmente, os jovens e crianças que vivem no seu quotidiano, a exclusão social e econômica está cada vez mais acentuada.

Do ponto de vista internacional, onde o tráfico de órgãos é para efeitos terapêuticos, Moniruzzaman (2012) citado por Mariano (2016, p.29), refere-se ao “mercado do corpo”, em Bangladesh, particularmente, a como as pessoas em situação de vulnerabilidade econômica são levadas a vender os seus rins. Segundo ele, estes estudos associam o aumento do “turismo médico” aos diferentes níveis de desenvolvimento e padrões de desigualdade a nível mundial. Isto quer dizer que, o tráfico de órgãos para fins cirúrgicos está incorporado num sistema maior de troca e extração através das diferenças de riqueza. Através do eufemismo de “doar” o próprio órgão para salvar vida, muitas pessoas carenciadas vendem os seus órgãos para obterem dinheiro, esquecendo-se de que os seus benefícios econômicos não duram muito tempo, pois, pouco tempo depois, essas pessoas ficam com a sua saúde deteriorada e dificilmente podem fazer trabalhos que exigem aplicação de muitas forças.

2 Disponível em: < <http://www.verdade.co.mz/newsflash/62252-casal-detido-por-tentativa-de-venda-do-filho-albino-em-tete> >. Acessado em: 15 de Junho de 2022.

3 Apontamentos fornecidos por voaportugues.com – fornecido pela Google. Acessado no dia 02 de Maio de 2022.

4 Afirmação de um albino, numa das entrevistas sobre a sua situação de vulnerabilidade. Portanto, “bolada”, na gíria popular moçambicana, significa um negócio feito no mercado negro, fora do conhecimento das autoridades e não susceptível às obrigações fiscais. Ou por outra, trata-se de um negócio ilegal e fruto de contrabando.

4. Motivações mágico-religiosas do tráfico de albinos e calvos

As práticas mágico-religiosas têm vindo a dominar o dia-a-dia da maior parte da população moçambicana. Segundo uma magistrada do Distrito de Milange, Província da Zambézia, algumas pessoas encontradas com órgãos humanos, revelaram que os mesmos são usados para atos mágicos que, alegadamente, os tornariam ricos (MAGODE, 2014, p.68).

Deixando a questão cirúrgica, internacionalmente conhecida como impulsionadora para essa prática, o tráfico de órgãos humanos, mais especificamente, de pessoas albinas e calvas, tem sido um fenómeno associado às finalidades múltiplas, mormente, a prática do obscurantismo. Uma funcionária dos Serviços Distritais de Saúde e Ação Social do Distrito de Morrumbene considerou que, por razões culturais, as pessoas associam o sucesso econômico com o seu tratamento, pelos curandeiros, usando-se órgãos humanos. Aliás, no mesmo entendimento, o Secretário Permanente do mesmo Distrito, observou que as pessoas praticam esses atos porque são motivadas pelo dinheiro, em alguns casos, diz-se que os órgãos extraídos têm como principal finalidade o seu uso em questões de natureza supersticiosa para obtenção de dinheiro (MAGODE, 2014, p. 69).

O ser humano, desde os tempos idos, é eminentemente, um ser religioso, pois, carrega consigo uma semente da divindade. E, a religião, constitui o ato de confiança na divindade a quem se presume possuir poderes superiores para dar resposta a situações que um ser humano se sente incapaz e impotente. É nesta confiança e abandono nas forças sobrenaturais que o homem africano manifesta a sua fé sobre diversas divindades (politeísmo), o que faz com que, entre os africanos, não tenham religião única, mas sim, diversas. Por isso se designam por religiões tradicionais africanas. Aliás, cada família africana, tem como causa de início da sua religiosidade o antepassado comum da sua tribo, a quem se outorga a responsabilidade de proteção e interação dos membros da família. Daqui, inicia a crença em forças superiores.

Falar da religião significa, ainda, falar da relação entre o homem e uma divindade. Diante da divindade, o ser humano se abandona de modo incondicional porque crê que a sua vida é movida por ela e tudo o que a ela se refere é digna de crédito e de fé.

Normalmente, a extração de órgãos humanos, seja por via legal como ilegal, tem sido para efeitos terapêuticos, isto é, os órgãos humanos têm sido usados para casos de algum doente necessite de transplante de órgão de uma outra pessoa que possa doar para a vida do outrem. Todavia, no contexto do presente artigo, a extração de órgãos humanos, de albinos e calvos, não tem finalidades cirúrgicas, mas se destina à prática de “rituais de feitiçaria ou magia”. É por essa razão que, nos últimos anos, relatos de roubo de órgãos genitais têm sido frequentes na África Central e Ocidental. Diz-se que os órgãos genitais masculinos roubados são vendidos aos médicos tradicionais para uso em cerimônias (LOMBARD, 2013 citado por MARIANO, 2016).

Durante a elaboração deste artigo, constatou-se que, as crenças nos poderes ocultos (magia e feitiçaria⁵), constituem a alavanca para o tráfico humano e conseqüente extração de órgãos e/ou partes do corpo de albinos e calvos. Foi por isso que Franze (2017) considerou que o tráfico de órgãos humanos de pessoas albinas, em particular em Moçambique e no geral em África, está relacionada com as práticas “mágico-religiosas”.

Se a religião demanda de seus fiéis à obediência aos dogmas, esse tipo de religião inculca nos seus seguidores a prática de atos mágicos e supersticiosos, e os que nela se encontram inseridos poderão achar que constituem verdades para o seu bem-estar, sua purificação e libertação dos problemas que lhes afetam. Aliás, hoje a religião tem sido considerada fonte de rendimento tanto por aqueles que anunciam um

5 Em Brasil, bruxaria.

deus de prosperidade, de utilitarismo e de riqueza, assim como fonte de cura física e de resolução dos problemas econômicos.

O estudo realizado por Samuel Oakford diz que,

“Em países africanos como Tanzânia e Burundi, existem casos de albinos sendo mortos nos anos recentes pois seus corpos seriam usados em poções e rituais, e forneceriam sucesso e saúde para o usuário. Numerosos incidentes têm sido reportados no século XXI. Por exemplo, na Tanzânia, em Setembro de 2009, três homens foram acusados de matarem garoto albino de 14 anos e cortarem suas pernas com o propósito de venderem para feiticeiros. Novamente, na Tanzania e Burundi em 2010, o assassinato, desmembramento e rapto de uma criança albina foi denunciada para a corte. A National Geographic, estima que na Tanzania, o corpo de uma pessoa com albinismo custe 75 mil dólares” (OAKFORD, 2014, ONLINE).

Moçambique é um corredor onde entram e saem cidadãos de outras nacionalidades e de países fronteiriços, o que, muitas vezes transmitem suas crenças e culturas. Daí que percebemos a existência de crenças comuns, como a crença de que as partes do corpo de albinos facilitam o respeito e o medo pelo outro, elimina mortalmente os “inimigos” que lhe perseguem com suas superstições e feitiçarias, purifica o corpo, exercem um poder mágico para enriquecimento rápido, ajuda na ascensão em cargos públicos e profissionais, na política, dá sucessos nos negócios e fazem com que todos o respeitem e honrem.

Mariano (2016) citado por Franze (2017, Online) diz que há crenças nos africanos da África Austral de que as partes do corpo de albinos têm um “poder invisível” (alimentado na crença local de os albinos são imortais, apenas desaparecem transformando-se em outros seres vivos. São também considerados como símbolos de azar para as suas famílias e, na sequência desse simbolismo, as próprias famílias têm contribuído para a sua discriminação e morte); por exemplo, os dedos das mãos representam a posse; e os órgãos genitais representam a fertilidade (COMAROFF e COMAROFF, 1991). Igualmente, há uma crença de que as partes do corpo de pessoas albinas podem tratar casos de natureza espiritual.

Ainda Mariano (2016) realça que, na África do Sul, órgãos geralmente de bebês e jovens são usados para fins mágicos relacionados com a fertilidade, êxito nos negócios e sorte no amor. De preferência, os órgãos deviam pertencer a crianças com menos de 12 anos de idade e ser retirados quando o corpo estivesse ainda quente.

Na África do Sul existem muitos relatos sobre assassinatos de seres humanos para serem retirados seus órgãos ou outras partes para a preparação de certos tipos de medicamentos tradicionais. Tais medicamentos, designados por muti, são substâncias fabricadas por certos especialistas, pessoas detentoras de certo conhecimento oculto para fins positivos de cura, envolvendo purificação, fortalecimento ou proteção de pessoas de forças malignas, ou podem servir para os propósitos negativos da feitiçaria, o que atrai má sorte, doença e morte a outros, ou ainda, enriquecimento ilícito e poder ao feiticeiro (ASHFORH, 2008 apud MARIANO, 2016).

Portanto, a existência dessas crenças são influenciadas pela globalização e a relação com os povos de países onde essas práticas tiveram início, como Tanzânia e Malawi (NOTÍCIAS, 2015, ONLINE; FELLOWS, 2009; MARIANO, 2016; MELLO, 2013; GASOLINA, 2015, ONLINE). Os motivos de incidência nesses países vizinhos de Moçambique podem estar associados à predominância da população albina e da crença de que as partes do corpo da pessoa albina são portadoras de um “poder invisível”. Podemos reafirmar com Franze (2017, Online) que, o contexto de valorização e incentivo dessas práticas por curandeiros, tidos como aqueles que têm olhar penetrante e o domínio das forças ocultas, é uma das causas de ocorrência dessa conduta declarada em leis como “crime hediondo” e em ética como lesiva aos bons costumes.

O ser humano movido por essas crenças e desejando ver colmatado tantos problemas que o preocupam, não pára para refletir o lado positivo e a moralidade das crenças que lhe são propostas. Mas será que os curandeiros conseguem fornecer uma explicação razoável da divindade que dá tais poderes, visto que são eles que asseguram às pessoas, de possuírem conhecimentos para fazer enriquecer alguém através da preparação de medicamentos com partes do corpo humano? É em razão dessas crenças disseminadas pelos curandeiros que Mariano (2016) frisou que foram relatados casos de assassinato, ritual,

desaparecimento de crianças, movimentos transfronteiriços ilegais não controlados, tráfico de seres humanos e o respectivo contrabando. No Sul de Moçambique, o Parque de Limpopo se estende em vastas matas de florestas que representam a localização ideal para movimentos secretos e clandestinos destas redes criminosas.

Meneses (2008, p.170), ao sublinhar as mudanças sociais atravessadas por Moçambique desde a independência nacional, diz que, hoje, as realidades mudaram, assim como se modificaram os pesadelos da sociedade; no entanto, o pesadelo da feitiçaria persiste. A título de exemplo, na década de 1990, na África do Sul, os meios de comunicação social, divulgaram vários casos de extração de órgãos do corpo humano, que foram levados até ao Tribunal. Esses órgãos, geralmente, de bebês e jovens eram usados para fins mágicos relacionados com a fertilidade, êxito nos negócios e sorte no amor. De preferência, os órgãos deviam pertencer a crianças com menos de 12 anos de idade e ser retirados quando o corpo estivesse ainda quente.

Concluindo, pode-se afirmar que, essas práticas fazem compreender que a feitiçaria, a magia e a crença nos poderes ocultos, constituem o vetor mobilizador para o tráfico de seres humanos e conseqüente extração de órgãos ou qualquer parte humana de albinos e/ou de pessoas calvas em Moçambique.

Considerações finais

A questão do tráfico de albinos, segue a história da humanidade, fundamentalmente, na sua dimensão cultural por constituir ameaça para o futuro da família.

Como foi referido acima, com o decorrer da história, a percepção que se teve de uma pessoa albina e de uma pessoa calva, sofreu contornos segundo as influências que se têm no momento. Por exemplo, ao nível da cultura, o albino era alguém que transmitia má sorte aos seus parentes e familiares, hoje, ter um albino por perto, constitui oportunidade para ser rico e alcançar uma posição social respeitável porque, através dos seus órgãos, os praticantes acreditam melhorar as suas vidas. O mesmo se pode dizer do homem calvo, embora este sempre seja considerado por ser sábio ou rico em mercúrio, passou de um homem a quem se devia aproximar para receber conselhos e dirigir com sabedoria para um homem a ser decapitado porque, alegadamente, possui mercúrio.

Depois de termos percorrido vários textos para a nossa pesquisa chegamos à conclusão que a vertente mágico-religiosa, ligada à superstição, constitui o âmago para o aparecimento do tráfico de albinos e calvos. A dimensão mágico-religiosa, inculca nos seus praticantes a crença de que o uso de remédios e amuletos preparados com partes de pessoas albinas e/ou com calvície podem resultar em riqueza, promoção social e proteção contra as forças contrárias. Deste modo, vê-se também uma mudança radical nos propósitos para as quais tem sido extraído órgãos humanos, a nível global. Quer dizer, enquanto, mundialmente, conhece-se a questão cirúrgica como o escopo do tráfico de órgãos, nos países africanos, o tráfico de órgãos humanos é associado à magia negra e à superstição.

Como corolário de tudo quanto foi dito, importa sublinhar a importância da consciencialização sobre o valor da vida, da dignidade da pessoa humana e a defesa dos direitos básicos da minoria, das pessoas perseguidas e sem liberdade de circulação em Moçambique e em todo o mundo.

Referência Bibliográfica

Bernaut. F., "Body, Power and Sacrifice in Equatorial Africa". The Journal of African History. Vol. 47 (2): 2017 – 239, 2006.

Bérrard da Costa, A., Famílias na Periferia de Maputo: Estratégias de Sobrevivência e Reprodução Social. Dissertação de Doutoramento em Estudos Africanos. Lisboa: ISCTE-IUL, 2002.

Comaroff, J e J. Comaroff., "Occult Economies and the Violence of Abstraction: Notes from the South African Postcolony", American Ethnologist, 26 (2), 1999.

Fellows, S., Tráfico de partes de corpo em Moçambique e na África do Sul. Liga Moçambicana dos Direitos Humanos, 2009.

Magode, J., Tráfico de pessoas em Moçambique, em particular, de crianças. ISRI, Maputo, 2014.

Mariano, E., Estudo sobre Tráfico de órgãos e partes do corpo humano na região Sul de Moçambique. Maputo, 2016.

Meneses, P., “Corpos de violência, linguagens de resistência: as complexas teias de conhecimentos no Moçambique contemporâneo”. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80 p. 161-194, 2008.

Moniruzzaman, M. (2012). “Living Cadavers” in Bangladesh: Bioviolence in the Human Organ Bazaar. Medical Anthropology Quarterly 26 (1): 69-91.

Oakford, S., “Na Tanzania estão caçando albinos para vender a pele a USD 75 mil”, ONLINE, 2014. Acessado a 12 de Outubro de 2018.

Santos, A; Roffarelo, L. M. e Manuel, L., Perspectivas económicas na África – Moçambique, 2015. Acessado no dia 14 de Novembro de 2019 <http://www.africaneconomicoutlook.org/po/notas-paises/southern-africa/mocambique>.

Scheper-Huges, N., “The Global Traffic in Human Organs”. Current Anthropology. Vol. 41 (2): 191-224, 2000.

White, L., “The Traffic in Heads: Bodies, Borders and the Articulation of Regional Histories”. Journal of Southern African Studies vol. 23 (2): 325-338, 1997.

RECEBIDO: 23/03/2003
APROVADO: 25/05/2005

RECEIVED: 23/03/2003
APPROVED: 25/05/2005